

## APRESENTAÇÃO

### NÚMERO ESPECIAL REVISTA IGARAPÉ COMEMORA DEZ ANOS

Em uma manhã de sábado, no Mercado Cultural, tomando um café com a atual editora da revista Professora Dra. Gracielle Marques conversávamos sobre a Revista Igarapé, o seu percurso e o trabalho que temos enfrentado para manter o periódico vivo. Foi então que a professora que poderíamos preparar uma edição especial para comemorar os dez anos da Igarapé. Acatamos a ideia e combinamos que convidaríamos os professores e técnicos da Universidade Federal de Rondônia e IFRO, que estavam na reunião do Grupo de Pesquisa Literatura, Educação e Cultura quando foi decidido a criação da revista. Por isso nos lembramos de convidar, neste momento de comemoração, as pessoas presentes naquela reunião na sala do NEC- Núcleo de Estudos Canadenses, quando também nomeamos o periódico de “Igarapé”, “o caminho da Canoa.” Este, acreditamos, seria uma nome ideal, uma vez que a publicação deveria fluir levemente absorvendo e transmitindo conhecimento da Amazônia a todo o mundo. O então mestrando Alex Santana se ofereceu para produzir a primeira capa do periódico: uma leve canoa na água, rodeada de floresta. Vale mencionar que o grupo de Pesquisa Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade, LECCA, era composto por professores e técnicos da UNIR, professores do IFRO e mestrandos de Letras, todos animados com a possibilidade de termos um instrumento para divulgarmos nossas produções e estimular a comunidade acadêmica a produzir conhecimento. Alex Santana, Gracielle Marques, Helio Rodrigues da Rocha, Jaqueline Prestes, Juliana Maiolli, Laura Borges Nogueira, Marcia Leticia Gomes, Maria de Fátima Molina, Miguel Nenevé (líder do grupo) e Simone Norberto que publicaria o primeiro artigo da revista para a aquisição do ISSN, se dispuseram a fazer todos os esforços para a criação de manutenção da revista.

Voltando, então ao encontro com a professora Gracielle Marques, atual editora geral da revista, relembramos do difícil início da Revista, para conseguirmos apoio institucional, para abrigarmos em página da Universidade Federal de Rondônia e para vincularmos a algum programa de Pós-graduação. Após tentarmos alguns vínculos com mestrados sem um efetivo resultado, decidimos ficar somente no Grupo de Pesquisa LECCA. Primeiramente a edição esteve a cargo do Professor Miguel Nenevé, com o apoio do Professor Hélio Rodrigues da

Rocha, coeditor. A parte técnica recebeu apoio de técnicos administrativos da UNIR como Alex Santana, Jaqueline Prestes, Laércio Rodrigues, bibliotecárias como a Rejane Sales e de bolsistas e voluntários como Fiana Fernanda, Luciano Lima, entre outros. Esse apoio foi fundamental para a manutenção do periódico e para a pontualidade da publicação semestral. Posteriormente, o grupo de pesquisa, em reunião ordinária com a então coordenadora do MEL, Mara Centeno decidiu vincular o periódico ao Mestrado em Estudos Literários. A partir daí tivemos edições especiais com números temáticos, editados por professores convidados do MEL e também em parceria com outras instituições, como a UFMG. A Professora Gracielle Marques, que passou a ser líder do Grupo de Pesquisa LECCA, também assumiu a função de editora geral do periódico. A professora Iluska Braga do curso de Ciências Contábeis também passou a ser colaboradora e coeditora do Igarapé.

Com esta edição especial queremos agradecer a todos que de algum modo tem colaborado com a revista e celebrar a manutenção deste periódico vivo depois de dez anos, enfrentando todas as dificuldades possíveis. Sim, temos motivos para celebrar junto aos colaboradores, editores, MEL e a Universidade Federal de Rondônia. Que venham muitos e muitos números.

Portanto, neste contexto de celebração, apresentamos este número comemorativo ao mesmo tempo em agradecemos a todos que aceitaram o convite para participar desta edição seja com textos criativos ou com textos acadêmicos. Esta edição contém poemas, prosa poética, três entrevistas bem como textos acadêmicos resultantes de investigação científica. Apresentamos primeiramente os textos mais característicos da escrita criativa para depois apresentarmos as entrevistas e os textos acadêmicos.

O primeiro texto de Alex Santana é um poema satírico sobre a colonização, e os relatos de viajantes colonizadores que acabam usando a Amazônia para satisfazer seus próprios interesses. O colonizado, esperto, reverte e subverte a “ordem” rompendo a mordida colonizadora. Em seguida temos o texto do professor Hélio Rodrigues da Rocha “Ygara” que é uma prosa poética fazendo alusão ao nome Igarapé, nossa Revista Acadêmica que tem incentivado a produções acadêmicas, provindas de pesquisa, traduções, entrevistas e até textos criativos, seguindo o caminho da alteridade. Hélio Rocha aproveita para aludir a relatos de viagem sobre a Amazônia, citando *O Mar e a Selva* de H. M. Tomlinson. Conclui o texto fazendo votos “que a IGARAPÉ, enquanto caminho da Ygara, continue produzindo frutos

deliciosos e saudáveis.” O texto da professora Marcia Leticia Gomes segue este tema, que é o do Igarapé que deve fluir pelos estudos amazônicos. No seu texto “Fluir, fluir até chegar ao Porto: Igarapé e a circulação de pesquisas na e sobre a Amazônia” a professora tece considerações sobre a Igarapé e a importância que tem para a Amazônia no sentido de produzir e divulgar conhecimentos. Assim se descolonomizam os conhecimentos muitas vezes produzidos fora do contexto da Amazônia e impostos a quem aqui vive. Como diz a professora, “é necessário confiar na embarcação” que promove a história, a memória, o pensamento científico.

Em seguida temos três entrevistas que, de certa forma, convidam o leitor a pensar a Amazônia e a ouvir as vozes descolonizadoras. A primeira é uma entrevista que o poeta amazônico, rondoniense, Elizeu Braga cedeu à Simone Norberto, do Grupo de Pesquisa LECCA e a autora do primeiro artigo para o Igarapé. Nesta entrevista o poeta fala sobre seu processo de criação, as descobertas de livros, depois outros despertares para a poesia, a leitura. Explica como a vivência de beiradeiro ou “beradero” tem marcado e inspirado suas criações. Em seguida temos a entrevista com o poeta Carlos Macedo Dias, o poeta MADO, autor do livro Ar(MADO) se preciso for o poema, publicado já no final da década de 1980s. Mado, poeta urbano e ativista social falou-nos de Porto Velho dos anos 1980s – 1990s, da importância dos movimentos em prol da Educação Popular, do teatro, da poesia e de eventos culturais em prol da descolonização de Porto Velho e de Rondônia. O texto cujo título “Deixar a luz da esperança acesa”: entrevista com Abdulai Sila” ‘, conduzida pelo Dr Wellington Marçal de Carvalho e Maria Nazareth Soares Fonseca, já anuncia que será uma entrevista com o escritor e editor africano Abdulai Sila, nascido em Guiné-Bissau”. Consideramos uma entrevista de grande relevância, uma vez que revela muitos conhecimentos sobre a produção cultural, literária e epistêmica da sociedade africana.

A terceira parte desta publicação é dedicada a artigos mais acadêmicos relacionados à literatura, cultura, descolonização, temas da Igarapé.

As autoras Mara Genecy Centeno Nogueira, Sonia Maria G. Sampaio e Larissa Gotti Pissinati exploram e discutem a ficção *Enquanto meu pai morre* de Alfredo Guimaraes Garcia. Com o título “Reminiscências da cidade e da casa na obra *Enquanto meu pai morre* de Alfredo Guimarães Garcia” as autoras apresentam uma leitura sobre a relação entre o indivíduo e o espaço em que ele vive. Elas argumentam que o espaço da memória tem poder de conectar o indivíduo com suas histórias pessoais. O seguinte texto “Estágio supervisionado e letramento

literário: vivências com a literatura na sala de aula” da Professora Maria de Fátima C. O. Molina promove uma reflexão interessante sobre situações de ensino e aprendizagem a partir de relatos de experiência na Amazônia. A autora sugere que é necessário que haja um diálogo com o espaço da vivência na sala de aula. No texto “*The Great Wars and how to find the language: voices from History and Literature*” o poeta e professor da UFMG, Thomas Burns oferece ao leitor uma reflexão sobre a “Grande Guerra” no caso, a Primeira Guerra Mundial, os seus efeitos na linguagem literária. Professor Burns revela que podem-se ver várias perspectivas sob as quais a guerra é analisada. Há a visão dos militares, dos políticos, escritores, intelectuais e pensadores do século XX, entre eles Susan Sontag, Eric Hobsbawm e John Ellis entre outros. Escritores e poetas como T.S.Eliot, Erza Pound entre outros são mencionados por revelaram influência da guerra em seus escritos. Por fim, em seu artigo “Da (im)possibilidade de narrar: corpo e fragmentação em *A Passagem tensa dos corpos*”, o Professor Paulo Benites, da UTFPR, nos presenteia com uma análise do romance de Carlos de Brito e Melo, romance que integrou atividades de leituras na disciplina de *Literatura Brasileira* na UNIR (2019-2022). Entre seus argumentos, o autor sugere que “o narrador contemporâneo está para além dessa função tradicional em que se narra de uma posição fixa”

*Gracielle Marques* (Editoria Adjunta)

*Miguel Nenevé* (Editor Geral)